



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

\* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Tethaba - Lisboa - Telefone: 7

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A questão irlandesa

### Os Sinn-Feiners

II

Sinn-Fein significa «nós-mesmos». Os Sinn-Feiners ou membros da Sociedade de Sinn-Fein, isto é, de «si-mesmos», são, como a expressão o indica, os senhores de «si próprios». A grande maioria pertence à religião católica. E ironia das coisas—a vontade que manifestam em serem senhores de «si-mesmo» é essencialmente anti-católica. Foi em comégo uma sociedade pouco numerosa, composta de intelectuais, de laicos, de clérigos, e todos republicanos. Para todos os irlandeses, com exceção dos grandes proprietários, e da maioria dos habitantes do Ulster, a Inglaterra é um país estrangeiro.

Para os Sinn-Feiners, é o inimigo que é necessário abater. Para qualquer irlandesa, a alma irlandesa é serva, subjugada pela Inglaterra, e só será livre no dia em que se possa reunir em Dublin um parlamento irlandês senhor dos destinos do país. Para conseguirem este parlamento, os Sinn-Feiners tentaram uma revolta pela Páscoa de 1916. A eles se juntaram os operários sindicalistas, os Irmunistas, seguidores de Larkin, um dos seus leaders.

A revolta, infama pelo número dos revoltados, foi reprimida com toda a brutalidade específica do militar profissional, ao qual o governo britânico deu carta branca. O sangue dos mártires é semente que produz colheita abundante, e como o já fazia notar, por essa época, nas minhas *Líções da Guerra Mundial*, a consequência lógica desta repressão sangrenta devia ser a expansão do Sinn-Feinismo. Os factos provaram a veracidade deste previsão, porque desde então o crescimento dos Sinn-Feiners, em número e em força, foi contínuo e incessante.

Apesar da cegueira que caracteriza todos os detentores do poder, o governo previu as consequências da sua política de força e tentou dar-lhe remédio por um acordo entre os diversos adversários: nacionalistas, Sinn-Feiners, e carlistas. Fracassou. Ensaioi então, em 1917, formar uma comissão composta de todos os elementos «responsáveis» da Irlanda com o fim de procurar um território comum de acordo e de elaborar uma constituição irlandesa. A obstinação dos carlistas fez fracassar o acordo, ao qual accediam os Sinn-Feiners. Este acordo consistia em um Home-Rule mais amplo que o inscrito no Statute Book, e que se poderia assimilar ao Home Rule dos Domínios Britânicos. Por forma alguma os carlistas aceitavam um Home Rule para a Irlanda. Repetiam inteiramente um parlamento irlandês porque pretendiam que nesse parlamento a igreja católica seria a rainha absoluta e eles, como protestantes, não queriam estar sob a férula do papa. Este motivo é absurdo, porque no dia em que a Irlanda tiver um parlamento seu ela libertará-se há do poder clerical. Não é duvidoso que o parlamento, cioso em conservar integralmente o seu poder, pôr-se-ia imediatamente em oposição à igreja católica, esforçando-se até conseguir roer-lhe as garras e os dentes.

### As eleições legislativas

Todavia o tempo passava, as coisas permaneciam no mesmo pé, isto é, o Sinn-Feinismo continuava desenvolvendo-se, o governo britânico imobilizando dezenas de milhares de soldados na Irlanda, e que lhe faziam falta na frente aliada. Em Dezembro de 1918, os britânicos foram chamados a elegerem os seus representantes à Câmara dos Comuns. Na Irlanda as eleições constituíram um desastre para os nacionalistas partidários do Home Rule e um sucesso para os Sinn-Feiners republicanos. Quanto aos carlistas, mantiveram quase todas as suas posições, pôsto terem perdido um pouco de terreno, por um certo número de unionistas se terem tornado partidários dum Home Rule análogo ao dos Domínios. Os deputados Sinn-Feiners, abstiveram-se entretanto de ocupar os seus lugares em Westminster, permanecendo em Dublin e consideraram-se como membros do parlamento da República Irlandesa, que proclamaram. O presidente eleito foi o Sr. De Valera, antigo professor, recentemente evadido da prisão.

O governo britânico, entretanto, persistia na sua política de perseguição. Prisões, condenações, estado de sítio, passeios de tanks, de aviões, de metralhadoras, não impediam a ação dos Sinn-Feiners.

Os prisioneiros evadiam-se dos carcérios, homens mascarados saqueavam os palacetes dos unionistas para se apoderarem das armas; os soldados e sobretudo os polícias eram assaltados e mortos. Quanto à Assembleia Nacional ou Dail Eireann, continuava mantendo-se em Dublin, fazendo leis, nomeando funcionários, etc., actuando como um governo regular. Lloyd George e Dublin Castle não ousavam impedir-lo. No Dail Eireann, os discursos eram muitas vezes pronunciados em língua céltica, mas traduzidos em inglês, por ser a língua por todos falada.

### A Irlanda e a América

A fraquesa do governo Sinn-Feiners provinha de não encontrar receitas para cobrir o seu orçamento de despesas. Resolveu, portanto, impôr taxas na Irlanda e fazer um empréstimo na América. Os irlandeses preferiram pagar impostos ao governo nacional, a pagarem ao governo britânico, seu inimigo. Quanto ao empréstimo, era possível levantá-lo nos Estados Unidos, visto a riqueza e o poder político de que dispunham os irlandeses americanos, e também a profunda deceção que entre todos os democratas tinha produzido a forma como funcionava a Conferência da Paz, esquecida do grande princípio atribuído aos povos que poderem dispor dos seus destinos.

Os irlando-americano queriam ver por seus próprios olhos o modo como eram tratados os seus irmãos da ilha mãe. Enviam delegados a quem Lloyd George não ousou recusar autorização para viajarem pela Irlanda, visto esta autorização ter sido pedida pelo governo americano. Foi uma viagem curiosa, cheia de incidentes policiais e militares que puseram a nu a maneira prussiana usada pelo governo britânico para dominar a Irlanda. Os delegados irlando-americano não tiveram dúvidas em dizer o que tinham visto apesar da inegável contrariedade de Lloyd George, que então recusou receber-lhos, apesar de ter prometido fazê-lo quando voltassem, a fin de o fazerem sciente das suas observações. Mais uma ou menos uma promessa que se não cumpre, não é coisa de importância para o sr. Lloyd George. Para ele, isto constitui moeda corrente, pois parece ignorar o jongo franco britânico.

Entretanto, partia para a América o presidente irlandês De Valera, tendo sido recebido como chefe de Estado por muitas municipalidades. Em Nova York foi solemnemente proclamado cidadão da cidade como o sr. Wilson em Londres. Teve várias conferências, conseguindo um empréstimo que excedeu as suas esperanças. Quanto à sua ação política, deve-se avaliar pelo facto de congresso americano, quando examinou o Tratado de Versalhes, ter decidido ouvir oficialmente os delegados irlandeses por considerar a solução da questão irlandesa dependente da Conferência da Paz, por motivos idênticos às questões da Tchecoslováquia, da Iugoslávia e da Transilvânia.

### O império britânico e a Irlanda

A república irlandesa existe mais ou menos em todos os condados do Sul e do Centro. Mas ao lado dela está o poder britânico com os seus exércitos, os seus polícias, as suas prisões e os seus funcionários. Nas regiões operárias do Norte, no Ulster, o proletariado formou um partido socialista-revolucionário, republicano, protestante, mais ou menos partidário dos conselhos de operários e da ditadura da classe. Greves muito graves, pelo número e pela força dos grevistas, se tem produzido em Belfast e em Limerick. A bandeira vermelha flutua livremente em Belfast, Dublin, e outros lugares. A verde Irlanda está, portanto, num estado geral de fervescência, presa de diversos movimentos inestáveis.

Os conservadores e unionistas da Irlanda, na sua grande maioria grandes proprietários rurais e alguns grandes industriais, apercebem-se do perigo durante o ano de 1919. O voto, que outrora sempre opunham a qualquer Home Rule, desvanceu-se, e, presentemente, mostram-se partidários dum Home Rule, malgosto ao do Canadá, ou ao Commonwealth (republicano) australiano.

Esta política, nôsto que tardia, é hábil, porque se apoia em toda a demo-

### NÃO APOIADO!

#### OCÚTORIO DUM INSURRECTO

Quando, aqui há dias, me anunciam a declaração de greve dos amassadores, alvorocou-se-me o coração com a esperança de que, por uns tempos, seria poupadão ao desgosto de ver cotidianamente, na mesa das minhas refeições, o execravel pão de tipo único. Bendita greve, exclamei jubiloso, que assim me vens amistar temporária mente o consumo diário de tal bodega. Esperava realmente que o pão de tipo único desaparecesse da venda, enquanto a greve dos padereiros não fosse solucionada. Afinal, tudo esperanças frustradas. Tresanteontem, anteontem, entrem o infamíssimo produto surgiu normalmente no inicio do meu almoço e do meu jantar, a tirar-me, só pela sua presença, o apetite. Porque eu não posso suportar o tal tipo único, embora saiba e veja que muita boa gente o mandava com summa satisfação. Eu é que não posso. Não posso e não como. E não julgas que o facto é devido a refinadas fidalguias de paladar. Neas por sombras. Eu como com muito gosto a borda dos campões minhotos, não me desagrada inteiramente o centeio, e embora ainda com saudade aquele pão de trigo, plebeu e escuro, mas delicioso, que minha avó amassava em casa, de sábado a sábado, na pequenina aldeia alentejana, onde a minha desculpada meminice decorreu. Gosto ainda de sopa de massa, de arengues fumados, de macarrão à italiana, de sardinhas assadas, de queijo flamengo, de pirolitos, e de muitas outras coisas mais ou menos insípidas que me frequentam a mesa de jantar. Decididamente, sou de boa boca. Com o pão de tipo único que não entro nem à mão de Deus padre, Inspira-me uma antipatia irreductível, e, por mais longa que seja a sua vigência, não creio que possa reconciliar-me jâmas com semelhante mistela. É negro, sem vibrante nem luzidio. É pesado, malgostoso. Embulha-se-me na boca cada dentada e não vai. Pois está decidido que não comerei pão tanto cedo. A menos que os senhores moageiros se dignassem oferecer-me um bocadinho daquele que eles consomem e por certo não tem de comum com o tipo único,

Dois farmacêuticos do Porto ..... 5.116\$85  
Antero Fernandes (cota mensal) ..... 5.116\$85  
Guilherme Santos ..... 5.116\$85  
Alvaro Marques ..... 5.116\$85  
Pessoal do Arsenal de Marinha (como se tivessem comprado *A Batalha*) ..... 5.116\$85  
Manuel Roque ..... 5.116\$85  
Quete na Fábrica Vulcano, A. D. ..... 5.116\$85  
Augusto Carlos Rodrigues (cota mensal) ..... 5.116\$85  
Um grupo de operários da Manutenção Militar ..... 5.116\$85  
Eduardo Cardoso (cota mensal (Março e Abril)) ..... 5.116\$85

### MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Transporte ..... 3.965\$33

Sindicato do pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, cotisação referente ao ano de 1920 ..... 500\$00

Idem, idem do pessoal do Arsenal do Exército ..... 500\$00

Sindicato Único Metalúrgico (Porto) que ali aberta ..... 4\$20

Associação dos Corticeiros de Lisboa ..... 500\$00

Quete no comício do 1.º de Maio em Evora ..... 15\$00

António S. Ferreira ..... 2\$0

Leopoldo Diniz ..... 5\$00

João da Paradinha ..... 5\$00

Antero Fernandes ..... 5\$00

Manuel Roque ..... 5\$00

Inácio dos Santos (Porto) ..... 5\$00

50% da quete aberta em Evora na Associação dos Sapeiros ..... 25\$00

Carlos de Sousa, cota mensal (Abril e Maio) ..... 25\$00

Liga ..... 25\$00

José Sebastião Lobato (Evora) ..... 25\$00

Benvinda B. Nunes ..... 25\$00

José de Matos (Cabo Verde) ..... 25\$00

João J. Fiaca ..... 25\$00

Francisco António César (S. Tiago do Cacém) ..... 25\$00

Francisco P. Coiminho ..... 25\$00

Ricardo Barbosa (cota mensal) ..... 25\$00

Associação dos Impressores (cotisação de Março) ..... 15\$00

Mário Pinto Almeida ..... 15\$00

Uma anarquista ..... 15\$00

Bernardino Janeirinho (Serpa) ..... 15\$00

José Geraldo (Lagos) ..... 15\$00

António Oliveira ..... 15\$00

Estevam Tavares ..... 15\$00

Manuel F. Quartel ..... 15\$00

João Bernardo Jonatas ..... 15\$00

Correio Perpétuo ..... 15\$00

Norberto F. Carvalho ..... 15\$00

Quete na feira do 33.º aniversário da Associação dos Tamarineiros do Porto ..... 15\$00

Quete aberta na assembleia dos manipuladores de pão em greve ..... 15\$00

Dois farmacêuticos do Porto ..... 15\$00

Antero Fernandes (cota mensal) ..... 15\$00

Alvaro Marques ..... 15\$00

Pessoal do Arsenal de Marinha (como se tivessem comprado *A Batalha*) ..... 15\$00

Manuel Roque ..... 15\$00

Guilherme Santos ..... 15\$00

Alvaro Marques ..... 15\$00

Pessoal do Arsenal de Marinha (como se tivessem comprado *A Batalha*) ..... 15\$00

Manuel Roque ..... 15\$00

Quete na Fábrica Vulcano, A. D. ..... 15\$00

Augusto Carlos Rodrigues (cota mensal) ..... 15\$00

Um grupo de operários da Manutenção Militar ..... 15\$00

Eduardo Cardoso (cota mensal (Março e Abril)) ..... 15\$00

### NOTAS & COMENTARIOS

#### A arte e os artistas

##### A decadência da pintura portuguesa

A exposição ora aberta na Sociedade Nacional das Belas Artes representa, podemos dize-lo afioltamente, uma espécie de balanço de tudo quanto se tem produzido no domínio da pintura e da escultura, durante um ano de labor.

Assim, aquele que interessando-se pelas artes, se resolve a ir até a rua Barata Salgueiro, vai certamente disposto a admirar, não diremos maravilhas porque são raras, mas pelo menos boas feitas. E para que unicamente o que há de melhor seja mostrado ao público, existe um juri na referida Sociedade que faz censura segundo o seu critério.

Pois apesar de todos os juris, apesar de inúmeras censuras e formalidades, o visitante, mesmo que rudimentar, não o pode obsecar pelo nervosismo patriótico — que a pintura portuguesa está num acentuadíssimo período de abertura e que a originalidade de ideias e processos, no respeitante a pintura, continua definhar a lamentavelmente.

Constatou também o visitante, mesmo que obsecado pelo nervosismo patriótico — que a pintura portuguesa está num acentuadíssimo período de abertura e que a originalidade de ideias e processos, no respeitante a pintura, continua definhar a lamentavelmente.

Podemos procurar, talvez, em *Retrato de Tomás Ribeiro Colaco*, senhor este que lamenta os possuir um dízido indicador da magnitude da lèguia da Póvoa, e vários trabalhos, onde se vai notando que querer sair da tutela do papá, andaria com acerto. Faleço Trigo, apresenta dois quadros bons, abusando um pouco das florinhas. Henrique Tavares, um novo, ainda, cursando na Academia, possui já largos recursos.

*Retrato do... sr. Ernesto Enes*, feito com largueza e os planos são marcados com segurança, mas acima de tudo, apresenta dois quadros bons, abusando um pouco das florinhas. Henrique Tavares, um novo, ainda, cursando na Academia, possui já largos recursos.

Passamos em revista esses nomes, mas ouvimos porque (no respeitante a alguns) é com segurança, mas acima de tudo, Henrique Tavares é paisagista.

Passamos em revista esses nomes, mas ouvimos porque (no respeitante a alguns) é com segurança, mas acima de tudo, Henrique Tavares é paisagista.

Passamos em revista esses nomes, mas ouvimos porque (no respeitante a alguns) é com segurança, mas acima de tudo, Henrique T

## O conflito gráfico dos quadros dos jornais

mantem-se sem uma única defecção

Faz hoje um mês que foi declarada pela Comissão Executiva Pró-aumento de Salário dos quadros dos jornais, com plenos poderes da classe, a greve em todos os jornais que se publicavam à tarde, em virtude de não terem sido atendidas as reclamações formuladas pela comissão Executiva às empresas jornalísticas.

Numa das suas reuniões, realizada no mesmo dia da declaração da greve, 10 de Abril, resolvem as empresas jornalísticas declarar o lock-out — processo usado o ano passado que não deu resultado desejado — em todos os jornais, não entrando neles os jornais, — O Sétulo (edições da manhã e da noite), O Díario de Notícias, A Batalha, O Combate e O Luso; mantendo-se as restantes empresas intransigentes, na esperança de 60 000 sobre a totalidade das férias, a título de "ajuda de custo" de vida.

Das demarcações realizadas pela Comissão Executiva, resultou a publicação de dois jornais: O Tempor e o Jornal do Concreto e das Colónias, que atendem às reclamações dos gráficos, exercendo a comissão delegada das empresas jornalísticas uma coação violenta para que aquelas jornais se não publicassem, assim como continua exercendo coação sobre outros, tendo a favorécela, o governo, que duma forma arbitrária tem dispensado as empresas jornalísticas militares-típografos, alguns dos quais estavam exercendo essa profissão em officina do Estado.

Por esta forma, não julgue o governo assim como as empresas jornalísticas que o conflito termine, tendo para compôr dois ou três jornais alguns militares, que são insuficientes para os manufactureres.

Apesar deste "valioso cooperador", e dos tristes postos em prática pelas empresas jornalísticas para desorientar os quadros gráficos dos jornais, estes seem-se mantido numa bela manifestação de solidariedade, não se tendo até hoje registado a mais pequena defecção nesses quadros.

Cônscios da razão e da justiça das suas reclamações, os gráficos só retomarão o trabalho quando estas forem atendidas, o que esperam em breve. Só ao governo cabe a responsabilidade da continuação do conflito, pela forma arbitrária como está obrigando os militares-típografos a manufactureres os jornais, em vez de procurar uma conciliação honrosa entre as duas partes em litígio.

A Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, para evitar qualquer risco das empresas jornalísticas, enviou uma comunicação a todos os membros gráficos do país, pondo-os ao corrente do movimento, e tomado todas as precauções para que nenhum gráfico venga para Lisboa trabalhar, a fim de assegurar a vitória dos gráficos dos quadros dos jornais.

A Comissão Executiva reúne hoje as 21 horas pedindo-se a comparsidade de todos os seus componentes.

**R "tolerância, da guarda**

Escreve-nos um camarada que ontem assistiu ao comício do grupo político Popular relatando-nos mas uma das muitas selvagens da guarda republicana.

Como alguém tivesse dado um viva à República Social, um grupo de sargentos da guarda, sem mais delongas, tratou logo de sovar fortemente o audacioso indivíduo e decerto o teriam linchado se não fosse a intervenção de alguns elementos civis.

Quando o referido indivíduo era conduzido ao Posto da Mouraria, ainda os selvagens lardados os agarraram brutalmente para o levarem para o picadeiro do Carmo.

O liberdade de pensamento...

## JUVENTUDES SINDICALISTAS

**Núcleo do 1º bairro** — Reuniu a comissão organizadora desse núcleo que apreciou a marcha dos trabalhos minhas amas vez retardados pelos acontecimentos, resolvendo continuamente com a mesma energia no desenho do seu cargo até completo preenchimento do seu mandato.

Ficaram convocados a comparecer hoje pelas 21 e meia horas na sede do Núcleo, a fim de regularizar as contas referentes ao mês findo, os camaradas tesoureiro e cobrador, para também no mais breve espaço de tempo se respondesse a circular da U. S. P. e do núcleo.

Previnem-se os camaradas sócios que estavam novamente restabelecidos o serviço de cobrança interrompido pelos últimos acontecimentos e que a sede, C. da Graca, 16.º, se encontra patente todas as noites das 21 horas em diante.

**Núcleo da Indústria Metálica** — Pedem a comparecimento de todos os cobradores, que sem falta, para liquidar de contas, para bem do andamento do núcleo, participando o mesmo que se encontra aberto na sede a inscrição para o cofre de solidariedade da U. S. P.

**Núcleo da Indústria de Caçado, Couros e Peles** — A reunião ficou adiada para quinta feira, pelas 20 horas com a mesma ordem de trabalhos. Pede-se que ninguém fale.

**R Partida ganhosa**

Um servente que trabalha nas obras do Arsenal que se está construindo no Alentejo veio a esta redação expor em que situação ficou com o novo aumento da Parceria dos Vapores Lisboenses.

Ganha naquela obra a quantia de 1.902, vendendo-o obrigado a tirar dessa importância \$20 para a passageiro por quanto mora em Lisboa, passando portanto a ganhar apenas \$172, o que hoje não representa, dada a carestia da vida. Como éste há muitos operários nessas condições.

**VIDA ANARQUISTA**

**Centro Comunista de Lisboa** — Como estava anunciado, realizou-se com regularidade a primeira sessão de propaganda deste Centro, que teve como orador António Duarte, que fez um discurso sobre os menores sobre a mesma ordem de ideias.

Foram todos unanimés em dizer que os comunistas não podiam considerar a Revolução Russa como finalidade, mas sim um grande passo dado para a emancipação social, da qual resultou a queda do tsarismo e o czarismo. Conduzido para Lisboa, foi transportado ao hospital de São José num auto da Cruz Vermelha, e depois de pensado a polícia, só podendo andar com o auxílio de muletas.

**Os rendimentos dos operários**

Maximiano Correia de 21 anos, guarda-fios da companhia dos Telefones, residente na Estrada de Santa Ana letra M, quando em Alges de Cima descia um poste telefónico, rebentou uma das lousas, cortando-lhe os tendões de um dedo da mão direita, e o poste caiu no Banco do Hospital de São José, pelo dr. José Paredes, recolheu a caga.

No mesmo Banco também foi pensado, João Elias Garcia Tomar, de 32 anos, residente na rua das Casas do Trabalho, 27, que está a trabalhar na oficina de construções metálicas da Companhia Limitada, transportado ao hospital da Ponte, 24, ferido por uma roda de ferro, ficando ferido no esquerdo.

António Duarte, de 38 anos, residente na rua das Casas do Trabalho, 27, que está a trabalhar na oficina de construções metálicas da Companhia Limitada, transportado ao hospital da Ponte, 24, ferido por uma roda de ferro, ficando ferido no esquerdo.

Correspondência deve ser dirigida a Alexandre Vieira, redactor principal de A Batalha. Não nos restituem os fotógrafos.

**Assinaturas** (pagamento adiantado)

Em Portugal, colônias portuguesas e Espanha: 3 meses, 1920; 6 meses, 1920; 1 ano, 1920. Lisboa: 1 mês, 1920. Territórios da União Postal: 6 meses, 1920; 1 ano, 1920.

**Reclamações:** Deverem ser dirigidas à Batalha.

**Calçada do Combro, 38-A, 2º**

**LISBOA-PORTUGAL**

## O QUE VAI POR ÁFRICA

### Contratos deprimentes

#### Um aviso aos incertos

Agora, que o movimento operário em todo o mundo está passando por uma das fases mais revolucionárias quanto à conquista de regalias, tal como horário de trabalho, regulamentação do mesmo, higiene das oficinas e fábricas, acidentes, regulamentação do trabalho das mulheres e menores, salários, etc., bem é que se saiba o que se passa em África, com especialidade nas colônias de menor desenvolvimento, industrial, como sejam Cabo Verde e Guiné, onde o Estado é o primeiro explorador do suor do desengajado que lhe cai nas unhas, e que, uma vez lá, se não pode libertar com facilidade.

Geralmente o operário, como serraleiros, carpinteiros, tipógrafos, imprentores, pedreiros, etc., são contratados em Lisboa, na Direção Geral das Colônias, para fazerem serviço em África, numas condições miseráveis e que, até certo ponto, se não podem cognominar menos de vexatórias.

Caiem no lógico por que aqueles que de 1º de Maio vêm até à data, a maioria com a saudade arquinada, a casa desmanchada, a família contaminada do mal-dito imperialismo, se não propuseram em fazer uma propaganda certeira, por meio da palavra, nas associações, por meio de conferências, por meio da pena nos jornais operários, lançando o grito de alerta, para aqueles que de futuro, enganados por meia dúzia de burocratas, possam cair na teia forjada por contratos infames, que mais são nimra escravatura do que um contrato lícito e humano.

O meio é geralmente burocrata e, portanto, conservador em extremo. Se, por desgraça, alguns dos operários assim enganados, ousa dizer ou querer coisa em prol dessa situação angustiosa e drástica em que vive, lá, tem imediatamente contra si o conservantismo de todos, colegas e chefes, a teia emaranhada da papelação em que é embrulhado, as informações terroristas dos superiores, e se não é fuzilado imediatamente não é porque faltou vontade de o fazer mas... mas por causa de vexatórias.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas seitas de luz, que, com a criação do grupo Cartel, deram mundo uma prova inédita de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Para que a organização operária seja uma força, é mister que nela penetrem as figuras ideais da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um caloroso apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quere emancipar, citando-lhe como incentivo o nobre exemplo de Barbusse